



NOTÍCIAS / COLUNAS

COLUNA ALEMANHA VOTA

## Alemanha não votou pela mudança

A nova Angela Merkel chama-se Olaf Scholz. O social-democrata continua de onde a chanceler parou. Politicamente, portanto, pouca coisa vai mudar na Alemanha, mesmo que os verdes entrem no governo, escreve Astrid Prange.



Scholz imita o gesto de losango com as mãos que é marca registrada de Merkel

A Alemanha votou, e a União Democrata Cristã (CDU) de Merkel **perdeu**. Para que não haja medo de um terremoto político, gostaria de deixar muito claro no início desta coluna: não haverá deslocamento para a esquerda nem uma mudança radical na Alemanha.

São infundados todos os temores de um futuro em que apenas turbinas eólicas estejam em funcionamento na Europa Central ou que apartamentos sejam **expropriados** para conter a explosão no preço dos aluguéis. Até mesmo Angela Merkel seguirá no cargo enquanto perdurarem as negociações para uma nova coalizão e um novo governo ainda não tiver sido formado.

Especula-se nas redes sociais inclusive que a chanceler federal ainda poderá fazer seu tradicional discurso de Ano Novo na televisão – na última eleição federal, em 2017, os partidos precisaram de seis meses para formar uma coalizão de governo.

### Mudança sim, mas não muito

É um paradoxo: na Alemanha nada mudará por enquanto. A mudança prometida não se concretiza. E isso independentemente de todos os partidos afirmarem o oposto na campanha eleitoral e pintarem as eleições federais como uma encruzilhada política.

Conheça a nova DW



Na realidade, porém, o resultado do Partido Social-Democrata (SPD), que ficou em primeiro com 25,7% dos votos, foi um voto pela continuidade da política de Merkel. O candidato a chanceler do SPD, Olaf Scholz, que [pertence à ala direitista](#) de seu partido, se apresentou como a versão masculina de Merkel e até imitou o "Merkel-Raute", o gesto com as mãos em formato de losango que é a marca registrada da chanceler.

Como ministro das Finanças nos últimos quatro anos, que se sentou à mesa do gabinete de Merkel, sua mensagem foi: nada de experimentos, quem vota no SPD escolhe a política econômica e financeira da grande coalizão que conduziu o país durante a pandemia.

Uma indicação de que essa estratégia foi bem-sucedida é a migração massiva de eleitores da CDU para o SPD. De acordo com o instituto de pesquisas Infratest Dimap, a CDU perdeu quase 2 milhões de votos para o SPD, incluindo eleitores regulares.

A derrota histórica da CDU de Merkel, que registrou o pior resultado da história da legenda, não pode ser explicada por um suposto desejo de mudança na sociedade. Pelo contrário, muitos eleitores parecem querer manter o curso de Merkel e, por isso, votaram no SPD.

### Distanciamento de Merkel de seu próprio partido

É uma constatação política: em seu mandato de 16 anos, a chanceler se afastou cada vez mais de posições outrora tradicionais da CDU. Um desenvolvimento que deixa vários membros da CDU ressentidos com ela até hoje.

Agora, os social-democratas e os verdes querem assumir o governo. Mas como os dois partidos juntos contam com apenas 40,5% dos votos, eles precisam [de um terceiro parceiro de coalizão](#) para garantir maioria no Parlamento. É muito provável que eles acabem formando um governo com o Partido Liberal Democrático (FDP, na sigla em alemão) em uma "coalizão semáforo" (chamada assim por causa da combinação de cores adotadas pelos partidos: vermelho-amarelo-verde), que conta com o apoio de uma clara maioria da população.

Para os verdes e seus apoiadores, isso significa a amarga percepção de que não haverá uma reviravolta revolucionária em termos de proteção climática. Porque os liberais estão convencidos de que a proteção do clima só pode ser promovida no âmbito da economia de mercado e não por meio de intervenção estatal. Os liberais repetem isso como um mantra.

### O tédio é um luxo

Foi a mesma coisa nos últimos 16 anos sob Merkel: ela também tirou o pé do acelerador ao abordar o tema da proteção climática a pedido do seu próprio partido ou dos liberais, com os quais ela governou o país em uma coalizão entre 2009 a 2013. Se tivesse a intenção de continuar por mais um mandato, Merkel também teria que melhorar a abordagem da proteção climática.

Portanto, a mudança política é uma tarefa árdua. Os possíveis parceiros de coalizão provavelmente só conseguirão dar pequenos passos, mesmo que um senso de urgência seja necessário quando se trata de proteção climática.

A preferência alemã por continuidade e estabilidade, se não pelo tédio, é um luxo que poucos países podem se dar. Ou até um sedativo. O novo governo deve realizar a façanha política de vender mudança como continuidade. Só assim para a Alemanha ter alguma sacudida.

Com este prognóstico cauteloso, digo adeus. Acompanhei as eleições alemãs com a minha coluna Alemanha Vota e fiquei muito feliz com os muitos comentários nos meus textos. Obrigada pelo carinho e pelo olhar carinhoso sobre a Alemanha. Até breve, caros brasileiros!

---

*Astrid Prange de Oliveira trabalhou como correspondente no Brasil e na América Latina por oito anos. Para a DW Brasil, ela escreveu a [coluna Caros Brasileiros](#) durante três anos. Com a coluna [Alemanha vota](#) ela retornou como observadora da campanha eleitoral alemã. Siga a jornalista no Twitter: [@aposylt](#)*

*O texto reflete a opinião do autor, não necessariamente a da DW.*

### LEIA MAIS

---

#### Carta de amor à democracia

A ultradireita alemã adora atacar o voto por carta. Mas a adesão entre os eleitores do país é enorme e cresce a cada pleito, sem danos à estabilidade e ao debate político, escreve Astrid Prange.

---

#### Sem Merkel, a CDU está nua

Quanto mais se aproximam as eleições, mais evidente fica o vazio que Merkel deixa para trás. Sem a chanceler, a CDU parece um partido de homens velhos com uma agenda política sem imaginação, escreve Astrid Prange.

---

#### Sem Merkel, Alemanha parece órfã

Conheça a nova DW

